

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER  
17 de dezembro de 2022

## THE RED KIMONA / 1925

Um filme de Walter Lang e Dorothy  
Davenport (não acreditada)

Realização: Walter Lang e Dorothy Davenport (não acreditada) / Argumento: segundo Adela Rogers St. Johns, Dorothy Arzner (adaptação, Malcolm Stuart Boylan (intertítulos) / Cinematografia: James Diamond / Música: Libby Meyer / Interpretação: Priscilla Bonner (Gabrielle), Nellie Bly Baker (Clara), Carl Miller (Howard Blaine), Mary Carr (a matriarca), Virginia Pearson (Mrs. Fontaine), Tyrone Power Sr. (pai de Gabrielle), Theodore von Eltz (Freddy), Dorothy Davenport (a mulher que apresenta a história – não acreditada), etc.

Produção: Mr. Wallace Reid Productions / Produtora: Dorothy Davenport / Cópia: dcp, preto e branco, colorizada, mudo, com intertítulos em inglês traduzidos eletronicamente em português / Duração: 77 minutos / Estreia: Estados Unidos, 16 de novembro de 1925 / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa

*Ao contrário do anunciado no jornal de dezembro, a projeção de THE RED KIMONA não terá acompanhada de piano, sendo que a cópia que hoje apresentamos é sonorizada com uma composição de Libby Meyer, preparada exclusivamente para o filme no contexto da sua restauração no projeto Pioneers: First Women Filmmakers em 2018.*

---

**The Red Kimona** é raro em múltiplos sentidos. Filme de difícil acesso e parte dos primeiros filmes produzidos e realizados por Dorothy Davenport, alguns dos quais dados foram dados como perdidos e redescobertos nos últimos anos, é também uma surpreendente exploração narrativa dos aspetos mais obscuros da realidade americana, nomeadamente no que toca ao tráfico humano e à realidade das mulheres entre os finais do século XIX e o início do século XX. Pode dizer-se até que é predominantemente feminino desde a origem da sua história até à sua produção que, para além de Davenport, teve como influência e colaboração o trabalho da jornalista Adela Rogers St. Johns e da futura realizadora Dorothy Arzner, apesar de marcar a estreia de Walter Lang enquanto realizador, que foi contratado para assistente de realização e promovido após Davenport decidir que não queria realizar o filme sozinha.

Sabe-se que a consciência social e a denúncia da corrupção humana constituíram uma espécie de cruzada para Davenport devido aos trágicos acontecimentos relativos ao seu casamento com Wallace Reid, ator e cineasta com quem trabalhou em conjunto até à sua morte, em 1923, por consequência de um desmesurado vício de morfina. Sob o nome Mrs. Wallace Reid, Davenport produziu e protagonizou **Human Wreckage** (John Griffith Wray, 1923), um filme sobre o vício e o tráfico de droga onde proclama a necessidade de acabar de vez com a ameaça dos narcóticos. Por sua vez, **The Red Kimona** incide na prostituição e expõe o tráfico humano que existia, nomeadamente em Storyville, uma espécie de *red light district* que existiu em Nova Orleães entre 1887 e 1917 através da apropriação de uma história real, adaptada de um relato de Adela

Rogers St John, de uma mulher que matou um homem por amor, tendo sido absolvida pela sinceridade com que se dirigiu aos tribunais. Apesar de bem realizado **The Red Kimona** enfrentou duras críticas após a estreia. Foi acusado de moralismo e de sensacionalismo pela intenção de “puxar a lágrima” aos espetadores e, apesar de ter escapado à censura de Will Hays, que era já presidente da MPPDA (Motion Picture Producers and Distributors of America), foi recortado e remontado em muitos estados e banido em Chicado e no Reino Unido. No entanto, o seu maior pecado foi uso do nome real da protagonista dos acontecimentos que deram origem a esta história, Gabrielle Darley, que viu o filme e processou Davenport.

Apesar do seu tom moral, o filme pode muito bem ser visto como um caso ousado, que ganha um novo fôlego com um olhar histórico contemporâneo e o que nele se vislumbra tão surpreendente manifesta-se sobretudo na profundidade da sua latência do seu universo feminino. Para lá da camada mais moralista, que se assume hoje em dia mais como um *puzzle* moral a ser resolvido, a narrativa de **The Red Kimona** é movida imagetivamente e pontuada por momentos de contemplação de uma dimensão quase secreta, e ainda hoje rara no cinema, que se consagra na relação das mulheres que povoam esta história. **The Red Kimona** explora, neste sentido, uma definição muito particular de beleza feminina, beleza que parte da imagem e dos enquadramentos enquanto olhar feminino para fundar e salientar as ligações os sentimentos das mulheres que ajudam Gabrielle, tornando transversal ao filme uma espécie de ontologia do sofrimento e da melancolia femininas, mas também da sua empatia. Falamos, nomeadamente, de momentos de contemplação da amizade na bruma da tragédia que assola a protagonista, condenada por um duplo crime, o assassinato e a prostituição. O plano, ou quadro, que abre e fecha o filme que denuncia uma trágica solidão num submundo rochoso e árido; as mãos das duas prostitutas unidas na cama onde lamentam o seu destino; o entendimento nos olhares das mulheres evidenciados com tanto cuidado e ao longo de todo o filme. Todas estas imagens são belas e unem a narrativa, dando visibilidade a um mundo subterrâneo e absoluto.

THE RED KIMONA é também considerado o mais relevante argumento escrito por Dorothy Arzner pouco antes de se dedicar à realização, na medida em que é um discutível marco na sua abrangente aprendizagem (Arzner começou aos 19 anos como dactilógrafa na Famous Players-Lasky, a futura Paramount, passando ainda pela escrita de argumentos e pela montagem), ao representar um ponto de partida para a criação do seu mundo estético e ético cinematográfico. Judith Mayne (*Directed By Dorothy Arzner*, 1995), por exemplo, vê nele a inauguração de preocupações sociais e políticas que estarão presentes ao longo da sua obra, a nível narrativo e imagético. Mayne chega a descrever certas ligações entre este **The Red Kimona** e **The Wild Party** (1929). Se **The Red Kimona** apresenta uma narrativa bem mais séria e melancólica, de certa forma longe da irónica e energética sagacidade ousada, dos filmes Arzner, podemos denotar uma partilha temática (aurática, até), na medida em que ambos os filmes se completam numa relação entre os pensamentos e sentimentos comunitários enquanto expressões do mundo feminino.

Manuel João Montenegro